

A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St. Anna

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA
Em Ovar, (villa) semestre 500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre 600 >
Brasil, semestre 700 >
Avulso 20 >

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"
Composição e impressão—IMPRESA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Anuncios: 1.^a publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencioneaes.
Communicações a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

A OBRIGA

Reforma eleitoral

Sêr profeta na nossa terra é a mais facil e a mais segura das ciencias, e aqui está como a sabedoria das nações, tendo-nos deixado um codice de verdades intanjiveis, errou, como qualquer papa infalivel, por não lhe ter ocorrido que a nossa terra, em verdade, é a contradicção e o dispaunterio quando a queremos ajustar a determinismos e factos lojicos.

Nós dissemos neste jornal, que o liberalismo ministerial reformando legislações, com seus propozitos democraticos, ou era boa fé que breve liquidaria numa saída do governo; ou, então, especulação burlista que nos apanharia em pleno côro da sinfonia liberal. Não iamos pela boa fé, que da nossa banda fóra credence lastimavel, propendiamos para a falsidade e malversão governativas.

Profeta com relações de tu cá tu lá no mundo do ocultismo, fácil nos foi chegar á fala com o Passos, e d'ele saber que o Beirão, seu dilecto filho, a preparava acuada para enganar sua espoza, a respeitavel D. Liberdade, de que tem sido, com varia fortuna, marido e carrasco por distração.

Não nos enganou o venerando Moysés do progressismo, e não nos saíram advsas as suspeitas e pessimismos.

A reforma eleitoral, na forja—dissemos—milagre graudo terá de sêr, desde que não traça, nas fachas da apparencia aceitavel, cousa peor que o que temos.

Assim foi; a proposta de lei eleitoral apresentada ao parlamento pelo presidente do conselho de ministros é uma manta de farrapos sem unidade, sem sistema, sem decencia. O governo subindo ao poder pediu trez mezes para a elaborar, e dando á lingua sobre projectos e planos de vida, afirmou alto, claro e chão, que as propostas de lei que levasse ás côrtes seriam todas liberaes, todas inspiradas nas doutrinas e programas do seu partido.

Quanto á folga que o rei, *inconstitucionalmente*, lhe concedeu aproveitou-a para dormir; quanto ao cumprimento do seu compromisso e do seu partido, aliviou-se oferecendo ao paiz uma lastimoza e suja reedição da «ignobil porcaria»; tão decalcada para peor que só é mo-

dificada no sentido de tornar ainda mais viciozo e mais reles o sufrajo. As operações do recenseamento, taes como se fazem pela «ignobil porcaria», são uma maravilha de maquiavelismo e de falsidade, como taes, conserval-as, é uma garantia precioza, e assim se faz.

E' contra a opinião de José Luciano de Castro, sem duvida, mas não será por isso que o «ilustre chefe» fará baquear o governo. . .

A distribuição de círculos e o principio eleitoral são caciquismo puro, «ignobil porcaria» de pernas para o ar; contra clamam os discursos, os escritos, as doutrinas, os programas de Alves Martins, José Luciano, Antonio Candido; no entanto o bispo de Vizeu não torna cá, para escorraçar ministros e José Luciano e Antonio Candido, ainda que chorem a perdição em que vão levados os seus discipulos, um por já não ter pernas e o outro por não o deixar o seu estado de sacerdote, não podem ir esfregar as ventas dos esquecidos aos impressos em que andam os seus principios. . .

A reforma eleitoral foi mais uma apostazia, mais uma traição progressista, natural, consequente, num partido que tendo começado em novo e em forte por actos de traição pura, não podia em velho, em fraco e em desmoralizado, acabar limpamente seus dias, e fechar, com hombridade, os seus actos.

Mas isso é um epizodio, que importa, é certo, para a historia dos costumes politicos, e interessa, pela significação que imprime á torpidade d'um partido e d'um momento historico, que é critico.

Não deve tirar-nos a vista da reforma eleitoral, reclamação fundamental, dentro do rejime, das aspirações republicanas. A chapelada erguida á categoria de lei suprema do estado—*voto obrigatorio*—responda-se com uma decidida e enerjica campanha a favor do sufrajo universal, representação proporcional, tanto quanto possivel, complementação da seriedade e bem intencionado da lei com disposições legalistas rigorozas em defensão da verdade do sufrajo.

Trave-se uma verdadeira batalha ao redor da reforma eleitoral, e alem dos argumentos da razão, que muito valem, não se dispensem os bons officios da força, que muito podem.

A republica franceza de 1848 saiu dos protestos violentos de Paris contra a legislação eleitoral, em Portugal, se a guerra

sem treguás á «ignobil porcaria» d'hontem e d'hoje, não significar que apanharemos a republica, como premio de sacrificios, significará que tendo conquistado uma posição ao inimigo mais cedo conseguiremos o alvo supremo do nosso esforço. O partido republicano não aspira a uma lei eleitoral para si, quer, aspira a uma lei eleitoral para todos.

. . . Precisamente ao contrario do sr. Beirão, que tornou a pecar, como de costume, apresentando uma reforma eleitoral que viza unicamente a manter o predominio rotativo, os interesses progressistas, e as predileções e conveniencias monarchicas.

Antonio Valente

NO BRAZIL

O desenvolvimento da sua riqueza

Quanto mais os monarchicos portugueses procuram diminuir a importancia dos progressos realisados pelo Brazil, desde que esta grande nação proclamou a Republica, mais os factos vão demonstrando que esses progressos são, na realidade, extraordinarios.

Um d'esses factos é o do desenvolvimento das industrias. Assim, só em seis dos estados do Brazil, S. Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Pernambuco e Bahia, as fabricas têm multiplicado e os capitaes n'ellas empregado atingem uma cifra importantissima.

Segundo os trabalhos do *Centro Industrial* do Rio de Janeiro, e do sr. Vieira Souto, director da Misão Brasileira de Expansão Economica, o numero de fabricas creadas nos ultimos annos n'aquelles seis estados é o seguinte:

S. Paulo	323
Rio de Janeiro	190
Rio Grande do Sul	212
Minas Geraes	551
Pernambuco	9
Bahia	72

O capital empregado n'essas fabricas, em contos de reis, é o seguinte:

S. Paulo	114:822 contos
Rio de Janeiro	83:144 >
Rio Grande do Sul	38:115 >
Minas Geraes	24:846 >
Pernambuco	54:278 >
Bahia	22:225 >

A producção das fabricas é esta:

S. Paulo	117:377 contos
Rio Grande do Sul	78:287 >
Rio de Janeiro	52:987 >
Pernambuco	35:440 >
Minas Geraes	32:166 >
Bahia	24:982 >

Em media, cada fabrica de Pernambuco representa um capital de 6:031 contos; do Rio de Janeiro

439; de S. Paulo 355; da Bahia 309; do Rio Grande 180 e de Minas Geraes 45.

Convem dizer, no que respeita a S. Paulo, que a estatística é incompleta e que ella se refere apenas aos grandes estabelecimentos industriaes.

Já agora registemos o movimento de exportação dos mesmos Estados, segundo a estatística de 1907:

S. Paulo	350:920 contos
Minas Geraes	135:600 >
Rio de Janeiro	81:700 >
Rio Grande do Sul	72:858 >
Bahia	59:309 >
Pernambuco	57:934 >

Emfim, já é alguma coisa, bem que peze aos inimigos da republica brasileira.

(De «A Lucta»).

Comissão Paroquial Republicana

São convidados os nossos correligionarios desta vila a reunirem no dia 17 do corrente, pelas 7 horas da tarde, no centro, afim de proceder-se á eleição do delegado, ao Congresso, desta comissão paroquial.

Ovar, 14 de abril de 1910.

O Presidente,

Domingos Lopes Fidalgo.

ECHOS DA SEMANA

Opiniões

Na sua conferencia sobre a proposta de lei eleitoral apresentada pelo governo, disse João de Menezes que este «aprezentou um fragmento de proposta que apenas serve para tornar mais suja a ignobil porcaria». Ainda que tendo ficado por pouco tempo a nossa atenção no mostrengo, depressa chegámos a identica convicção, e no n.º anterior deste semanario claramente expressámos nosso sentir e o nosso convencimento sobre as mánhas, para peor, da miseravel porcaria que o sr. Beirão se não envergonhou de subescrever com o seu nome.

. . . Andamos em excelente companhia, valha-nos, ao menos, essa innocente consolação.

Sempre noivo

Já não é em Londres mas na Dinamarca que D. Manoel encontrará a carne da sua carne e a metade que ainda lhe falta. E' pelo menos o que quaes afirmam que el-rei sempre consegue mulher na pessoa d'uma princeza de 15 anos, filha das terras fatidicas do Hamleto, que tambem foi de sangue real.

E assim anda s. majestade, aos tombos, e sem majestade nenhuma, á procura d'uma noiva que o distraia. . . da Gabby.

A crize

«Encontramo-nos a braços com uma crize politica, porque o parlamentarismo atravessa uma crize tambem e das mais profundas que se tem manifestado entre nós. Essa crize não provém, como seria natural, do embate de ideias e de principios contrarios; é antes a resultante de uma indisciplinada orientação dos partidos de governo e dos vicios de um rejime que não cessa de comprometer-se».

Perguntar-nos hão de que folha republicana tiramos esta *coupeure*, ou de que orador democratico aproveitamos esta asseveração, e é afinal do «Primeiro de Janeiro», diário onde Prudhonne, reverentemente, faz bicha gata aos senhores «que tem que perder».

Pois, na verdade, veio escrito no melifluo «Janeiro». . .

A paz

Todos a querem, e não ha governo nenhum que em mensajens e em discursos da corôa a deixe de citar, amorosamente. E como a paz são os grandes ezercitos e as formidaveis esquadras, a seguir aos termos de afetuozza dedicacão que se lhe oferecerem, acrescentam-se, ás montanhas, os biliões de milhões dos orçamentos da guerra.

A França vae fazer sacrificios doidos para reconstituir o poderio naval, e, dias depois de o ficarmos sabendo, mandam da America do Norte a noticia de ter votado o parlamento a construção de dois couraçados. Custam doze mil contos de reis, na «livre America» onde milhões de creaturas humanas vejetam esqualidas e escravizadas, na mais punjente miseria.

Jermania-pudica

Muitos sujeitos, ou por toleima, ou então, por hipocrizia, quando se fala da Alemanha é como quem recordasse a pudicia em pessoa: paiz monarchico, obediente, deista fiel, é um espelho de santos.

Berlim tem sido um alfobre vero de homoscecuas, queremos dizer de bispos de Beja, e, agora, telegrafa a Havas, de Bremem, que «foram ali prezas 6 pessoas e fujiram duas, havendo muitas outras comprometidas em novos escandalos de costumes». . . Acontecesse a vergonha em França, e tudo seria gritar que era o fructo da republica laica e da irreligião, mas é na Alemanha que elas se fazem,—paiz casto, paiz maçissamente relijozo.

Viticultura

De toda a parte é um clamor, não ezajerado, o da ruina que vem preparando a minaz e indelavel crize vinicola. Acudiu um dia o governo com a *União dos Viticultores* a que deu dois mil contos, privilejios, favores; e aquella famoza *União* trabalha para atenuar os males da crize. . . pagando ordenados de 50 contos de reis, acudindo a comerciantes, e fechando o postigo do predio á pedinchenta lavoura. O governo sabe-o, mas, como sob o pretexto de valer aos viticultores a União foi creada para praticar ilegalidades e sêr capa de arranjos, tudo está direito e não ha que interferir.

Soma economica d'um ano administrativo da União Vinicola:

Dois mil contos ao desbarato, cedidos pelo teozouro numa especie de foliar mais que illegal-criminoso, e as adegas mais cheias e mais de rastos que nunca.

Operações financeiras da radioza mocidade, que ainda nos fazem bons os tempos em que floria um martirizado reinante...

O Espirito Santo

Saiu dos labios seraficos de D. Sebastiãozinho:—foi por uma revelação do divino Espirito Santo que ele, bispo, fez abichar ao favorito padre Coelho a nomeação para o seminario.

Assim vemos o ceo gafando de feios vicios terreos, não ha que vêr, pois que já o Espirito Santo deixa o seu trono de raios para vir de longada, como qualquer politico, botar memorial ao bestunto do padre Sebastião, ao tempo, fadigozamente, como todas as mais mulheres, á procura d'uma solução salvadora, que desforrasse o seu despeito agravao, ferido dos molanqueirões desdens do Ancã.

No que o Espirito Santo divino foi comprometer os seus creditos, a sua idade respeitabilissima, a sua seriedade impoluta...

Pão do compadre

Para acudir aos estragos cauzaos pelas inundações de inverno findo votou o governo um credito de quinhentos contos de reis.

Desse credito teem surjido, como de mosquitos de pantano, irregularidades sem conta, favoritismos mizeraveis. Distribuiu-se o paiz em duas classes, a dos amigos, que recebe, tenha ou não precisão; e a dos inimigos, que o governo com uma penada de tinta risca do numero dos vivos. E o dinheiro dos inundados, pela mão dos governadores civis e dos elleicoeiros, anda por ahí numa roda viva a comprar malandrins e a pagar serviços...

E' faltar!

D'agua aberta

Depois de Beja Bragança, e assegura o catolico, monarchico e ministro de estado honorario Eduardo José Coelho, que o colega do Sebastião ainda é peor e de mais escandaloso. E clama por documentos, certificados, processos, afim de esmagar,—isto é retórica—sob a vara ferrea da justiça o insubmisso, criminoso, reprobado pastor catolico. Vem, pois, mais uma vez, a sagrada mitra, para o parlamento apanhar pontapé bravo; e anda eminente o raio sobre as venerandas corôas dos bispos.

E' a «Piscatoria Falua», apesar de toda a boa fé e todo o desejo dos crentes, pozitivamente, já d'agua aberta... e Pedro tão máo barqueiro que o leme lhe cae das mãos.

ARA

Metempsicoze

Ardenes filhas do prazer, dizei-me! Vossos sonhos quaes são depois da orja? Acazo nunca a imajem fujidia do que fostes em vós se ajita e freme?

N'outra vida e outra esfera aonde jeme outro vento e se acende um outro dia, que corpo tinheis? que materia fria vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras, arrastando, leoa ou panteras, de dentadas d'amor um corpo ezangue...

Mordei pois esta carne palpitante, feras feitas de gaze flutuante... Lobas! leoa! sim, bebei meu sangue.

Antero de Quental.

Assalto, fraude e roubo

A questão Hinton que o parlamento está a julgar, e que a maiori-

ria, submissa como carneiros, a estas horas terá já que engulir para gloria da monarchia carlo-manuelina e para proveito da Inglaterra, tem nada menos de cinco fazes; abranje dois reinados, e amarra ao pelourinho da sua infamia, com a monarchia, todos os seus partidos politicos e quase todos os seus homens publicos.

Aproxima-se—nem o contrario é possível—o fim do fim, e a justiça implacavel da fatalidade historica compraz-se atando-os todos ao mesmo poste ezecrado, á mesma infamização negra.

A questão Hinton, tenebroza, cheia de falsos, fertil de encruzilhadas, começa em 1895, quando se ia em plena marcha para o poder pessoal da coroa, e estala, com retumbancia, atualmente, quando o reinado novo se torna numa sucursal da corte vaticanista.

A monarchia de direito divino, de posse, quero e ordeno de ciencia certa, essa monarchia, com D. Carlos, apresentou Hinton com a Madeira, visto Hinton ser um bom companheiro, um radio e amavel jousisseur.

A nova, a monarchia radioza e liberal das sacristias e da benção apostolica, renova ao Hinton o presente, porque o cavalheiro vem com recomendação do ministro inglez, e seria shoking o nosso governo, contra as praxes, contra as leis do uzo, não dobrar a espinha, e não abrir, sollicitamente, a caixa forte onde ainda existem algumas velhas praças de familia...

E' a Madeira uma joia oceanica, e com portuguezes verdadeiramente patriotas, verdadeiramente honestos, seria, dos padrões da nossa passada grandeza, um dos mais rendozos e ricos. Mas sob a administração inepta da monarchia, com a falta de escrupulos e baixiza do rejime, só tem servido para nos trazer complicações, para nos humilhar, para ser a galinha dos ovos de ouro de aventureiros e esrocios.

Ha perto de vinte anos, que por meio de crime de leza-patria, rei e ministros a entregaram a Hinton, de facto, praticamente depois de obtidas as concessões o senhor e dono da ilha.

Elé, o alemão dos sanatorios e, outra vez as suas ezjencias, servidas sempre por ministerios subservidentes, acolhidas sempre no paço dos reis portuguezes com requintes de proteção, teem custado ao teozouro deste pobre e desprezado paiz milhares e milhares de contos.

Agora o ministerio Beirão, para cumulo da victoria de Harry Hinton & Sons, entrega-lhes, graciosamente, por mais dilatados anos, a posse, a exploração e o dominio da ilha.

Só falta no contracto entre o inglez e o governo, a clausula de que seja substituida a guarnição portugueza da Madeira por marujos e policeman da City, e o pendão azul e branco pela bandeira vermelha da... nossa fiel aliada.

E, remediada essa falta, é completa a proposta que o parlamento discute.

NO CREDITO PREDIAL

Cincoenta anos de vida imaculada

O snr. José Luciano de Castro, chefe do partido progressista, tem a illustrar mais os fastos dos seus «cincoenta anos de vida imaculada» com a situação de descrédito, senão de falencia, creada ao Credito Predial Portuguez.

Ganhando quatro contos de reis por ano com o seu logar de governador desse estabelecimento bancario e nunca lá pondo os pés, não, só o defraudava, criminosamente, com os proventos auferidos num logar que não ezercia, como é notorio e escandaloso; como também, o comprometeu em operações de credito tão deploraveis que a consequencia veio a ser a perda para o Credito Predial da situação de defazogo e prosperidade a que podia, legitimamente, aspirar pela natureza e latitude dos seus negocios.

O homem de quem um dia, n'uma gargalhada homericamente vingadora o parlamento se expurgou. José Luciano de Castro, arbitro da politica monarchica e simbolo da monarchia—nos homens e no rejime— completa, em todos os tons, ao defazer de feira da sua vida e do seu mundo, a obra que o ezautora e perpetuamente ficará como sinteza e florescencia da monarchia constitucional portugueza.

Pernicioso e desmoralizador na politica—autor e cumplice na maioria das roubaheiras que teem posto, liberalmente, a saque o paiz; é também, nos negocios privados d'uma das nossas mais poderosas instituições financeiras, um elemento de zorganizador e um factor e responsavel de dolos e fraudes prejudiciaes da coletividade: nas mãos de José Luciano como, alias, nas dos outros politicos tendo por feudo o Credito Predial, nunca este foi considerado mais do que uma arma politica e uma pepiniere de favores. Sempre a maldita e estreita politica de compadrio e suborno, sempre a immoralidade tornada cavilha mestra das flutuações do echiquier, e sempre, pagando as favas, isto é dando a bolsa e o suor ao manifesto, o trabalho nacional, nas suas diversas manifestações, posto a saque e comprometido.

E' uma liquidação completa e de zastroza dos homens do rejime, e da monarchia que com eles se subverte na mais imoral e degradante falencia. Tudo comprometeram, tudo defraudaram, a todas as coisas levaram as unhas das palmas das suas mãos arrepanhadoras como arpias. Mas, emfim, ao menos que acabem por nos deixar—e já se lhes não pede mais nada...

VIDA LOCAL

MERCADO

O snr. capitão Marrecas Ferreira, mais uma vez, foi, no dominio dos factos, a confirmação d'um adagio.

—*Agua mole em pedra dura, tanto dá até que a fura*, sem quiproquo, e esse digao cavalheiro, que um acendrado e robusto amor á nossa terra entre tantas personalidades distingue, já conseguiu, pelo menos, lançar na circulação com favoravel acolhimento algumas das suas ideas reformadoras, ou, ao menos, a do mercado.

Custou, custará, até que de projecto se torne realidade, mas o peor passo é o primeiro: quem começa a andar com o ezercicio avigora-se, adquire habito, força, vontade; o que se dá nas creanças quando de engatinar passamos, emfim, a andar, dá-se também nas sociedades.

O futuro do mercado, em Ovar, está, quer-nos parecer, assegurado; a comissão elaboradora dos trabalhos que trarão a sua existencia, devidamente constituída, já mesmo se compenetrar da confiança de quem conhece assegurada a sua intenção; a verdade é que se nos afigura economicamente uma boa empreza a do mercado e somos justos para com a Camara, acreditando que esta forcejará por acordar com os owarenses que pretendem, não se esqueça, dotar a nossa vila d'um melhoramento desde ha muito indispensable.

Em principio, em teze, somos contrarios, redondamente, a tudo que seja a exploração, por particulares, de aquellas instituições e explorações que os municipios por sua conta podem directamente jerir.

A experiencia de quanto é vantajoza, preferente, a municipalização de serviços e emprezas que as camaras podem tornar uma grande fonte de receita e um jeral beneficio publico; essa experiencia está feita, em Portugal mesmo, tão concludentemente que a escola da municipalização conquista e atráe toda a jente. Mas tendo em vista a rotina, atendendo á proverbial e tipica forma administrativa da nossa edlidade; aferrolhar, tornar o municipio, restritivo, escassamente, um

pe de meia; tendo isso em vista, e considerando que é melhor o sofrivel, e peor o pessimista, aceitamos com agrado que uma empreza dote Ovar d'um mercado, como o precisamos, e a camara municipal lhe seja tanto quanto possível, sem detrimento dos interesses e direitos municipales, propicia e auxiliadora.

A construção d'um mercado, em Ovar, não será difficil, as expropriações sendo caras não o são excessivamente, e largos e terrenos municipales ainda temos para servir, algures, de base ao corpo jeral do edificio, ou á sua conformação central.

O nosso mercado, porém, terá de contar se que devera, no seu ambito, ter o defazogo e a capacidade precisas á populozissima e operoza rejão que a ele tenha de vir fazer compras, vendas, permutas. O plano fundamental deve attender como primeira condição de ezito a que n'ele se comportem, agora e no futuro, sem se acotovelarem e comprimirem, as relações da oferta e da procura, taes como as concebemos, pela observação, na nossa terra.

E' forçoza não esquecer que se Ovar é uma vila muito comercial, muito rica, muito populosa; no seu futuro, já pela situação jeografica, já pela capacidade de progressão e aumento que caracterizam a sua jente, muito mais o será, não sendo utopico esperar-se muito e muito das enerjias e virtudes vareiras.

Quer isto dizer que a primeira condição a ezijr-se no plano constructor, deve ser a capacidade; não inferida das necessidades e do movimento actual, mas acrescentada ás necessidades e ao movimento de hoje com o computo, o mais pelo largo possível, das necessidades e do movimento futuro. Não seria isso fundamental, quando cazo fosse o construir-se um mercado de papel de côres ou de lona, mas como se encara a fundação d'um mercado, a serio, também não hade ser a fingir que se procedam a calculos e a estudos previos.

Tem, pois, como primeira parte, de corresponder pelas suas dimensões, amplitão, defazogo, ás justas conveniencias mercantilistas da nossa vila, não só pelo que esta é agora, também, pelo que terá de ser.

Campo não falta, ainda que bem preferivel fôra que a localização do mercado a estabelecessem em qualquer logar, proprio pelas vantagens da situação, tendo-se em conta que é sempre um mal transformar-se n'ele algum dos largos e praças.

Aceitamos que se aproveite um qualquer dos largos existentes, estes porém são poucos, prestam reaes serviços á ventilação, aspecto, condições de salubridade e embelezamento local.

A doutrina de administração municipal seria alargal-os, aumentar-lhes o numero, nunca ou para mercados cobertos ou para quaesquer edificações reduz l-os.

Assim e resumindo: o melhor era o mercado assente em terrenos especialmente conquistados, sem que com isso se queira contraditar a necessidade da sua edificação, mesmo que seja aproveitando o espaço de largos municipales.

Mercado com condições de capacidade satisfazendo o pensamento que enunciamos, e fiquemos hoje por aqui, que a empreitada quer dias.

A VARIOLA

Na povoação da Afurada, concelho de Guia, lavra intensamente a epidemia da variola.

Providencias de saneamento vão ser levadas a cabo pela municipalidade e autoridades de Guia, e ha fundados motivos de acreditar que serão ezecutadas, rigorosamente, as prescrições que o delegado de saude local diz indispenzaveis para combater a epidemia. Como nos interessa, pois se dá o cazo de ha semanas e semanas grassar nesta vila, fortemente, a variola, damol-as a lêr ás nossas autoridades modelos,

esplendidamente entregues ao seu habitual, ao seu congenito, mas imperdoavel desleixo. Ora suas senhorias, que *tudo lo mandam diguem-se* escutar:

1.ª Remoção de todos os cortellos existentes ao lado da povoação e saneamento do terreno respectivo, saneamento que deve consistir na tapjagem das fossas, remoção dos entulhos e desinfeção pelo cloreto de cal;

2.ª Remoção das pilhas de estrume existentes na povoação;

3.ª Sulfuração, lavajem com cloreto e caiação onde se teem dado cazos de variola;

5.ª Limpeza amiudada dos arruamentos e desinfeção das valetas pelo cloreto de cal.

Não consta que em Ovar, terra de primeira ordem onde ninguem ha que não se abespinhe todas as vezes que se constata e confessa a imundice e abastardamente vergonhosos da terra, não consta que, em Ovar, o facto grave, o cazo seriissimo da invação assoladora da variola, tenha despertado as autoridades sanitarias, administrativas, municipais.

Nenhuma providencia, medida alguma racional, reclamada energeticamente pelas circumstancias, imposta urjentemente pelo perigo. Pode o microbiano e temerosissimo hospede operar á vontade e assim tem feito. Isto não pode ser, isto não deve continuar.

Mais que as conveniencias, ou a indolencia sibaritaria dos «donos de Ovar» mais do que elles vale e merece a vila inteira. Uma povoação destas não pode estar entregue, sem defeza, sem cuidados, sem previdencia e sem providencias, á acção mortifera de todos os agentes pitojenicos, aqui encontrando para a sua reprodução e penetrabilidade o que em lexico de laboratorio se chama «caldos de cultura», isto é, meios especialmente proprios.

A variola, todas as epidemias que periodicamente nos vizitam, são virulentas porque se desprezam os meios profilaticos de prevenção e os processos enerjicos de cura.

Sibem isso o delegado de saude, a autoridade administrativa e a camara: é tempo e tempo de sairem das costumadas «encolhas», e com o aplauzo de toda a jente iniciarem uma serie de medidas de hygiene publica, indispensaveis, urjentes.

Vamos a isso, visto não haver mais remedio...

ODIO CLERICAL

Os jornaes do Porto, de domingo ultimo, publicavam no seu *fait-divers* a noticia seguinte do «Ateneu Commercial do Porto»:

«Reuniu hontem á noite a direcção desta importante coletividade. Rezolveu por unanimidade que ficasse consignado na acta um voto de profundo desgosto pela maneira *incorrecta* como foram satiricamente apreciadas pelo jornal *A Palavra* as festas do centenario do egregio escritor Alexandre Herculano, protestando, juntamente, pela forma como foram tratados os socios, corporações e pessoas que gentil e expontaneamente tomaram parte no cortejo».

Estariam os padres que não gostam no plenissimo direito de não se associarem ao centenario de Herculano—e nisso só deram um testemunho de lojica que os recomenda—mas o que não estão é no direito de enxovalhar com as suas graçolas de alimarias mal educadas as manifestações nacionaes celebradoras do egregio portuguez da Azoria. O clero vê em Herculano o espirito liberal e o aspero e indominavel individualismo, e como a sotaina não tem patria vá de alçar a perna garotamente á passajem d'aquelles que memorando um dos grandes homens da sua nação e esta mesma dignificam e elevam,

A falta d'outras sentinas por onde gorgolejasse a sua esterocaria biliar serviu-se do vazadouro da Palavras camarinhas bejensês da sua «sociação Catolica».

A primeira, consentidamente dezabafa a direcção «Ateneu», foi incorrecta e sáca, é o italiano da acta; a sepa, á passagem do cortejo coo, ostentou audacioza e provolentemente fechadas as suas pos.

Quer dize : —o nome da literatura portugue moderna, a expressão mais elada da veracidade, amor ao traho e virtudes civicas, pelo facto serem d'um homem que comeu o ulta-amontanismo, são mozeados pela igreja com o odio desrespeito canalha.

Seguros de si, aelles grandes miseraveis que o toriador castigou, não se pejade lhe insultar a memoria, e temem medo de lhe escoucear austera sombra.

E' que isto é unsacristia até vêr...

Logares Lectos

A publicação d'Historia de Portugal tinha chudo ao quarto volume, e as maris para o quinto, que complea o quadro da primeira epoca monarchia, estavam em particollidas. A obra fizera ruido suscitéra a animadversão d'agles que quem acomodar a hria ás crençães do vulgo, ásreoccupações nacionaes, aos iresses que n'elas se estribam, não corrigir e alumiar o prezen pelas lições da historia.

As repetidas e véadas agressões contra o livro ainda mais contra o auctor demciavam, em jeral, a existencia os intuídos d'uma parcialidaderritada, cujos membros proceam de acordo e cujos interessa nova publicação viera acidentalmente ferir.

Provocado injustaente, repeli essas aggressões, poentura com demaziada dureza, descobrindo nelas um pensamen anti-liberal fui mais longe. Ao vro sem intenção politica fiz seguir um que a tinha. Vendendo no pírido que engrossava a occultas que antigo, se recompuzera co elementos novos, um perigo pa a sociedade, trouxe á luz un das mais negras pajinas da sj jenealugia, pajina que se não é seu eterno remorso, hade ser sua eterna condenação perante Deus e os homens.

Os tres volums da Historia do Estableciment da Inquizição, provaram, sem eplica possible, uma verdade imortante para a solução da luti que ajita a Europa; provaram qe o fanatismo ardente e ainda a simples ezajerção do sentimento religioso são mais raros d que se cuida e que o vulgar é hipocrisia, de todos os fructos a perversão humana o que mais everamente foi condenado pelo d'vino fundador do cristianismo. N'algumas linhas que precediamaquelles volums eu apontava a existencia, a indole, as miras o modo de proceder da reacção, e sem os ezajerar mas tambem sen os disfarçar, assinalava os risos que a liberdade corria.

Os habeis, os homens praticos, os estadistas eminentes riram se. Eu não passava de um visionario. Cinco anos depois a reacção apresentava-se com a face descoberta no campo da betalha, e todos os amigos sinceros da liberdade estavam visionarios comigo.

Pobres homens praticos! Pobres estadistas! Mas para descobrir o rosto e combater francaente era ainda cedo então. O que cumpria era quebrar a pena na mão do visionario, do que presentira os que se occultavam na sombra e que lá os fóra ferir. Afeitos ás trevas, caminharam nas trevas.

Tinham adeptos amigos, instrumentos nas réiões do poder, talvez no seio d'ele: tinham ahí malvolencias pessoas que aspiravam a saciar-se. Assim, venceram. Depois, a uns homens sucederam outros homens; aos meus adversarios os que se diziam meus amigos, e sempre e em toda a parte e com todos encontrei a reacção influente que me reduzia ao silencio e á inação. Inibido de proseguir, sem o sacrificio completo da dignidade e sem risco certo da honra, na coleção dos materiaes para a vasta edificação que empreendera, tive afinal de ceder e de fechar a bem curta distancia os limites da imprudente empresa.

Alexandre Herculano.

ARTE & LETRAS

AS PAPOILAS

Vermelhas, da cor da vida! Labios de sangue a estuar, as papoilas, haste erguida, fuljem á luz difundida e embevecem o ar.

Mancham o verde das searas das suas gamas brilhantes; joias finas, joias raras, são fantasias preclaras de aneios quase falantes.

Jeradas na espessura, a terra aspera as fez; fel-as, assim, sendo escura, e porque é feia e dura lhes deu tão macia tez!

Cortadas logo fenecem; —são iluzões passageiras, mas, vistas, não mais esquecem... —E véde! —nada enriquecem nos calcadoiros das eiras!

A seara é o pão que sustenta, mas tu, papoila, és —a Idea! E' o trigo o nervo que alenta; mas, sedução que nos tenta, tu és a Fé que incendeia.

Num peito de namorada andarás, ó flór guerreira! Mas é só no do soldado cidadão, heroe, revoltado, que luz tua graça altaneira.

Flór do sol, porque és chama, tu quadras na sepultura; lembrando, martir, quem ama, e um sangue vivaz derrama por noções da idea pura.

Vermelhas, da cor da vida! Labios de sangue a estuar, as papoilas, haste erguida, fuljem á luz difundida e embevecem o ar.

Antonio Valente.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passaram seus anniversarios natalicios:

No dia 9, a sr.^a D. Gloria d'Oliveira Gonçalves, extrema filha do nosso velho amigo sr. Manoel d'Oliveira Gonçalves.

E no dia 12 a menina Maria Etelvina Annapaz Magalhães, sympathica e dilecta filhinha do nosso illustre conterraneo sr. Major Anthero de Carvalho Magalhães.

E no dia 19 tambem faz annos a menina Graça dos Santos Lima. A todos as nossas felicitações.

—Acompanhado dos snrs. Manoel Joaquim Rodrigues e Balthazar Machado Salazar, partiu de Lisboa no dia 19, a bordo do Lanfranc, em digressão á ilha da Madeira, o nosso excellente amigo dr. Pedro Chaves.

Que gosem por lá muito.

—Passa incommodado de saude, pelo que guarda o leito, o sr. José Maria Pereira dos Santos, considerado commerciante d'esta praça.

—Tambem está enferma, pisando felizmente melhor, a sr.^a D. Maria da Fonseca.

—Por falta de saude, chegou ante-hontem a esta villa, de regresso da ilha do Principe, o nosso patricio Frederico dos Santos Lima.

Deejamos em breve se resta-beleça.

—Encontra-se entre nós, onde veio de Lisboa assistir á festa natalicia de sua querida filhinha, o sr. major Anthero de Magalhães.

—P riram na semana passada, com destino a varios pontos do Brazil, os nossos patricios João d'Oliveira Correia, Antonio Isaac Rodrigues da Silva, Manoel Augusto de Pinho Freire e João da Silva Junior.

Feliz viagem e fortuna.

O mercado

Reuniu novamente no domingo á noite na sala da Associação de Soccorros Mutuos a comissão incumbida de organizar o projecto do mercado.

Presentes algumas indicições colhidas em Aveiro relativas ao mercado central d'aquella cidade, resolveu-se nomear uma sub-commissão composta dos snrs. Capitão Marrecas Ferreira, João Polonia, Manoel Barbosa Brandão, Francisco de Mattos e Augusto de Pinho, para estudar e elaborar as bases a apresentar á camara.

N'aquella reunião escolheram-se a praça do Largo do Chafariz e a alameda dos Campos, como melhores locais para a edificação de dois mercados.

A nosso vêr, porém, nunca a camara se deve desfazer da alameda dos Campos, por ser o unico largo municipal, dentro da área central da villa, que mais se adapta a um recinto qualquer de embelezamento, mas não a um mercado.

Da comissão do mercado, nomeada no dia 3 na assembleia do theatro, faz parte o sr. Antonio Soares Pinto, cujo nome, por lapso, foi omitido na relação dos cavalheiros, de que no numero anterior demos nota.

Fica assim rectificada a noticia.

Festividade

Realiza-se no proximo domingo na igreja parochial a festividade de S. José.

Consta das habituaes cerimoniaes, que são missa cantada e sermão ao Evangelho, de manhã, e vespæras, sermão e procissão, de tarde.

Assiste a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Hospital... nos paços do concelho

Por deliberação da illustriissima camara, em cujas resoluções a vontade ou caprichos d'um só homem hyperam, foram removidos para os paços dos paços do concelho, assim chamadas as aguas-furtadas d'este edificio, os doentes que actualmente estavam no hospital, em numero não inferior a 12.

Esta instalação, é pena ser provisoria e durar ómente enquanto não se completam umas reparações no edificio do hospital, porque allí, onde as corujas faziam coito e as aranhas teçiam extensas cambrasias, enconam os doentes um refugio hygieico, desafogado e confortavel, caaz de lhes dar saude em poucos dias, —o que dizemos nó? —em poucas horas.

Imaginem: o local agora transformado em hospital de tórma se afigurou excellente aos olhos da camara, que nem foi preciso a opinião dos medicos para estabelecer, na sua omniencia e omnipotencia, a mudança dos doentes, pois que nem meios prophylaticos nem processos hygienistas presidiram a tão atribuiaria medida.

Esta camara tem cada lembrança mais ratonal...

Vaccina

A'manhã, sexta-feira, e dias successivos, ha na administração do concelho, pelas 10 horas da manhã, vacinação e revaccinação para creações e adultos.

Attendendo á importancia d'es-

ta medida, bom é que todos se compenetrem da sua efficaçia ante o estado epidemico que atravessamos.

Cooperativa de Paificação

Os promotores d'esta cooperativa convidam os subscritores a reunirem-se no domingo proximo, pelas 3 horas da tarde, no predio da familia Carrelhas, á rua das Figueiras (em frente a S. Lourenço) para se assentar nas bases definitivas da sociedade.

Livros offerecidos para a Bibliotheca Escolar

Ex.^{mo} sr. Arcebispo d'Evora os seus livros:

- «Dissertatio inauguralis».
- «Inflencia civilisadora da Igreja atravez dos tempos».
- «Regina martyrum» (sermão).
- «Honor victoribus» ()
- «Regina sine labe».
- «Deus e Patria».
- «Oração gratulatoria no 30.º anniversario da coroação de Pio 9.º».

Ex.^{mo} sr. Anselmo Braancampe Freire, os seus livros:

- «O Conde de Villa Franca e a Inquizição».
- «Sepulturas do Espinheiro» (edição de luxo).

Livraria Ferreira & Oliveira, Limitada, rua do Ouro, 132—Lisboa:

- «Peccados velhos» —Gregor Csiksy.
- «Primeiros soccorros a Joentes» —dr. Doria Nazareth.
- «Guia das mães» —Ardisson Ferreira.

- «Historia resumida do homem primitivo» —Edward Clodd.
- «Contos em Viagem» —João Andrade Corvo.
- «Os contos da mãã» —Chiappe Cadet (D. Maria Rita).
- «Fabulario» e «Fabulas» —de Henrique O'Neill.
- «Harmonias fantasticas» —Souza Viterbo.
- «S. M. El-rei D. Affonso 6.º» —Manoel Bernardes Branco.
- Ex.^{mo} sr. Dr. João de Deus Ramos:

- «Campo de Flores».
- «Prosas».
- «A cartilha maternal e a critica».
- «Cartilha maternal».
- «Deveres dos Filhos».
- «Album do methodo de leitura» todos de João de Deus.
- «Guia pratico e theorico da Cartilha maternal» por o offerente.
- Ex.^{mo} sr. Dr. Barbosa de Magalhães:

- «O castello de Lourps» I. K. Huysmans.
- «O romance d'um principe» Pierre de Lano.
- «Os Párias» Rocha Martins.
- «Agulha em palheiro» C. Castello Branco.
- «Portugal» (poema) Souza Machado.
- «Macieiras em flór» João Grave.
- «João de Deus e a sua obra» Reis Damaso.
- «Colonia agricola de Villa Fernando» Leite de Vasconcellos.
- 49 folhetos com diversas questões juridicas.
- Ex.^{mo} sr. Dr. Amaro Conde, os seus livros:

- «A facultade de direito»
- «Da necessidade de regular as abalroações».
- Ex.^{mo} sr. José Miguel d'Abreu os seus livros:
- «Exercicios de desenho para as tres primeiras classes».
- «Exercicios de desenho para a 4.ª classe».
- «Projecções ortogonaes».
- «Compendio de desenho linear elemental».
- «Desenho linear e d'ornato».
- «Problemas de desenho linear rigoroso».

Agadecimento

Francisco Joaquim Nogueira Junior e Maria Felizarda No-

gueira, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente as provas de consideração e estima que receberam por occasião do fallecimento de seu saudoso pae Francisco Joaquim Nogueira, vêm por este meio testemunhar a sua eterna gratidão não só a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os e acompanhar á ultima morada o seu querido morto, como tambem áquelles que assistiram á missa do 7.º dia.

Ovar, 12 de Abril de 1910.

Francisco Joaquim Nogueira Junior Maria Felizarda Nogueira.

Serralheiros e ajudantes

Precisam-se habilitados para forja, na officina de Guilherme Nunes de Mattos.

Rua da Fonte—OVAR

Bibliotheca de Educação Moderna

«Descendemos do Macaco?»

Tradução do tenente Moraes Rosa

A Bibliotheca de Educação Moderna, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, acaba de pôr á venda um novo livro, interessantissimo, com este titulo: «Descendemos do Macaco?»

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preocupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingénuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema, tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: «Descendemos do macaco?»

Afirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel descender de um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fór, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos. O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez—livro cujo titulo suggestivo é este: «Descendemos do macaco?»

A mesma Bibliotheca de Educação Moderna já publicou mais dois livros, verdadeiramente sensacionaes, tambem magnificamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se «A Igreja e a Liberdade» e é devido á penna de Emilio Bossi, o famoso auctor do Christo nunca existiu.

O segundo intitula-se «Socialismo e Anarquismo» e constitue um estudo completo e claro, acerca d'estas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociólogo Hamom.

Em preparação, prestes a serem postas á venda, estão outras obras sensacionaes, destinadas ao maior successo.

Preço de cada volume d'esta bibliotheca: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Remettem-se pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colónias portuguezas. Pedidos á Livraria Internacional, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

INDICAÇÕES PARA TODOS

Comercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.
Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL	
Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos.	1\$400 réis
2.ª " " " "	1\$350 "
BAIRRADA	
1.ª qual., 15 kilos.	1\$300 "
2.ª " " " "	1\$250 "
3.ª " " " "	1\$200 "
Batatas, 15 kilos	400 "
Centeio 20 litros	740 "
Fava, 20 litros	750 "
Farinha de milho, 20 litros	840 "
trigo, 1.ª qual. kilo.	103 "
2.ª " " " "	93 "
cabecinha	62 "
semea superfina. " " "	40 "
grossa " " " "	38 "
Feijão vermelho, 20 litros	1\$280 "
branco, 20 " " " "	1\$220 "
mistura, 20 " " " "	960 "
Milho branco, 20 " " " "	800 "
amarelo, 20 " " " "	700 "
Ovos, duzia	140 "
Tremoço, 20 litros.	380 "
Azeite, 1.ª qual. litro.	300 "
2.ª " " " "	270 "
3.ª " " " "	260 "
Alcool puro, 26 litros.	6\$500 "
Aguardente de vinho, 26 litros.	3\$380 "
bagaceira, 26 litros.	2\$730 "
figo, 26 litros	1\$950 "
Geropiga fina, 26 litros	2\$080 "
baixa, 26 " " " "	1\$430 "
Vinho tinto, 26 litros.	750 "
branco, 26 " " " "	900 "
verde, 26 " " " "	900 "
Vinagre tinto, 26 " " " "	700 "
branco, 26 " " " "	900 "

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperan- ca — Rendimento de janeiro a maio de 1909	1:306\$010 réis
Companha do Soccorro — Rendimento de ja- neiro a maio de 1909	1:012\$520 "
Companha S. José — Ren- dimento de janeiro a maio de 1909	1:588\$510 "
Companha S. Pedro — Rendimento de ja- neiro a maio de 1909	681\$990 "
Companha S. Luiz — Ren- dimento de janeiro a dezembro de 1908	7:388\$835 "

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de

Rezes abatidas para o consumo:

Bois, com o pezo de . . . kilos	Arden
Vitelas, " " " " " " " " "	Vosso
Porcos, " " " " " " " " "	Acazo

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção para Hespanha. 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr. cada 50 gr. ou fracção. 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr. cada 50 gr. ou fracção 50 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume) — Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção 5 "

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
cada 20 gr. ou fracção 30 "

Bilhetes postaes: cada 20 "

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encommendas postaes—Volume maximo 25, decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros. — Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sédes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIPOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis.	10
» 10\$001 " " " 50\$000 " " "	20
» 50\$001 " " " 100\$000 " " "	30
» 100\$001 " " " 250\$000 " " "	50
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção.	50
Valor não conhecido ou declarado.	500
Cheques ao portador	20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis.	20
» 20\$001 " " " 50\$000 " " "	50
» 50\$001 " " " 250\$000 " " "	100
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção.	100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis.	20
» 20\$001 " " " 40\$000 " " "	40
» 40\$001 " " " 60\$000 " " "	60
» 60\$001 " " " 80\$000 " " "	80
» 80\$001 " " " 100\$000 " " "	100
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção.	100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis.	20
» 20\$001 " " " 100\$000 " " "	100
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção.	100

Associação dos Bombeiros Voluntários
Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.
Thesoureiro— Angelo Zagalb de Lima.
Commandante—Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna.	4	Badaladas
Bairro dos Campos—Rias do Loureiro—S. Batholomeu e Lavradores.	5	"
Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta.	6	"
Bairro d'Arruella até á Poça.	7	"
Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagá—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo.	8	"
Ponte Nova—Ponte Reada e Sobra.	9	"
Estação—Pellames.	10	"

Estação—Cima de Villa e slogares visinhos. 11 Badaladas
Ribeira. 12 "

Assões—Granja e Guilherme. 13 "

Furadouro. 14 "

Para cessar—3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.
Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.
Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.
Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.
Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.
João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmao.
Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».
João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnisadora» e «Probidade».
João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».
Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespalla».
José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructor de Fragatas
João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre

Depositore de Azeite
Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

Exportadore de Sardinha
Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Faricas
A Varina (consvas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes — Soares Int'o & C.ª, Limitada Ceramica — Peixoto Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes
De gado vacum e suino a 12, de gado vaccum e caillar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias
«Cadete» — Estão, «Canastreiro» — Rua de St.ª Anna, «Central» — Rua da Praça, «Cerveira» — Furadouro, «Jeronymo» — Largo do Chafaz, «Nunes Lope» — Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas
João Alves — Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Metearias
Abilio José d Silva — Ponte Nova Francisco de Matos — Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Viente — Rua da Graça, Manoel Valente Almeida — Praça, Pinho & Irmão — Praça, Viuva de José de Mattos — Poça, Viva Salvador — Largo do Chafariz, Taruj & Laranjeira — Rua da Graça.

Negociants de Cereaes
Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dis, Manoel Fernandes Teixeira, Manoelda Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Inão.

Recebedoria
Recebedor — Antonio Valente Compadre.
Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3da tarde.

Tanoaria
Carrelhas — Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal
Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS
DO PORTO A OVAR E A VEIRO
DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Exp.	Tr.	Mix.	Rap.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39						
Campanhã	5,30	6,50	7,10	9	9,55	3,6	3,30	—	5	5,59	8,45
Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49	3,30	3,46	3,50	5,10	6,10	9,5
Esamoriz	6,36	7,85	8,16	—	11,2	4,5	4,31	5,7	5,39	7,1	9,55
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	4,13	4,48	—	—	7,18	10,4
Carvalh.ª	6,48	—	8,28	—	11,11	—	4,55	—	—	7,24	—
OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	—	5,5	—	—	7,31	—
Vallega	—	7,56	—	—	11,22	4,31	5,15	6,2	—	7,42	10,24
Avanca	—	8,1	—	—	11,29	—	—	—	—	7,49	—
Estarreja	—	8,13	—	—	11,35	—	—	—	—	7,56	—
Aveiro	—	8,27	—	10,5	12,13	4,50	—	6,36	—	8,9	10,45
						5,11	—	7,12	6,14	8,37	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,5	—	7,58	—	11,3					
Estarreja	4,26	5,28	—	8,39	—	11,31	2,5	—	6,34	9,57	10,23
Avanca	4,37	—	—	—	—	11,42	—	—	6,12	—	10,52
Vallega	4,43	—	—	—	—	11,43	—	—	6,17	—	—
OVAR	4,51	5,50	7,20	9,18	10,20	11,57	—	—	5,35	6,27	11,12
Carvalh.ª	5,2	—	7,31	—	10,31	12,8	—	—	5,46	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,36	—	10,36	12,13	—	—	5,51	—	—
Esamoriz	5,13	6,4	7,42	—	10,42	12,18	—	—	5,57	6,42	11,26
Espinho	5,30	6,16	7,59	9,49	10,59	12,24	2,39	6,14	6,55	10,36	11,43
Campanhã	6,22	7,10	8,50	11,33	11,49	1,35	3,8	7,6	7,47	11,7	12,15
Bento	6,34	7,31	9,2	—	11,53	1,47	3,18	7,15	8,1	11,17	12,62